

A ANTINEGAÇÃO DE PEDRO E A REAFIRMAÇÃO DO SEU AMOR: EXEGESE DA PERÍCOPE DE JOÃO 21:15-19

*Cliff Gonçalves*¹

*João Boechat*²

RESUMO

O texto de João 21 tem causado bastante controvérsias entre os estudiosos. Alguns defendem que o texto seria uma inserção posterior da obra original, pelo fato de o texto grego conter 28 palavras que não aparecem em nenhum outro lugar do evangelho. Todavia, num olhar exegetico, o texto faz total sentido de ser o último capítulo do livro, e apresenta conexões bastante profundas com outros capítulos e temas do livro. Um exemplo disso seria a negação de Pedro, que tem total ligação com a reafirmação de Pedro neste capítulo. O objetivo deste trabalho é a exegese do texto de João 21:14-19 utilizando as etapas do Método Histórico Crítico (MHC). Pretende-se examinar o texto de maneira aprofundada, consultando o texto original, comentários bíblicos e exegeticos, dicionários bíblicos, livros e artigos relacionados. Ao final, uma breve análise hermenêutica é feita, levantando os principais temas teológicos tratados na perícopé.

PALAVRAS-CHAVE: EXEGESE. PEDRO. MÉTODO HISTÓRICO CRÍTICO. JOÃO 21. HERMENÊUTICA.

ABSTRACT

The text of John 21 has caused considerable controversy among scholars. Some argue that the text would be a later insertion of the original work, if one considers that the Greek text contains 28 words that do not appear elsewhere in the gospel. However, from an exegetical perspective, the text makes total sense of being the last chapter of the book, and it has very deep connections with other chapters and themes in the book. An example of this would be Peter's denial, which is fully connected with Peter's reaffirmation in this chapter. The objective of this work is the exegesis of the text of John 21:14-19 using the steps of the Historical Critical Method (HCM). It is intended to examine the text in depth, consulting the original text, biblical and exegetical commentaries, biblical dictionaries, books, and related articles. At the end, a brief hermeneutic analysis is made, raising the main theological themes dealt with in the pericope.

KEYWORDS: EXEGESIS. PETER. CRITICAL HISTORICAL METHOD. JOHN 21. HERMENEUTICS.

INTRODUÇÃO

¹ Graduando em Teologia e pós-graduando em Teologia Bíblica e Sistemática pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil. Bacharel em Engenharia de Petróleo pela Universidade Tiradentes, Mestre em Engenharia Química pela Universidade Federal de Sergipe e Doutorando em Engenharia Química pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

² Professor da Faculdade Batista do Rio de Janeiro, além de pesquisador do Deutscher Akademischer Austauschdienst (DAAD). Doutor em Sociologia Política pela Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF), com ênfase em Teologia pela Humboldt Universität zu Berlin, na Alemanha. Possui mestrado em Sociologia Política pela UENF e especialização em Ciência da Religião, além de graduação em Teologia e Relações Internacionais.

O texto bíblico é fascinante. Escrito há milhares de anos, ele tem o poder de transformar vidas e pessoas. Mas, ao mesmo tempo que o texto fascina, ele também intriga, nos deixa curiosos por sua complexidade. Tal complexidade é acentuada pelos “abismos” entre o texto original e os dias atuais (diferenças cronológica, geográfica, cultural, linguística e literária).

Assim, uma tarefa muito difícil, mas ao mesmo tempo necessária é a interpretação do texto bíblico de maneira coerente. Egger (1993) comenta que “com a leitura de um texto, começa automaticamente a compreensão: quem lê um trecho numa língua que conhece, espontaneamente atribui um significado àquilo que leu”.³ Só é possível atribuir significado ao texto bíblico porque temos esse texto traduzido. Todavia a tarefa do tradutor é árdua (*traduttore, traditore*)⁴ e o acesso aos textos originais proporciona novas interpretações textuais.

Entra em cena, deste modo, a exegese (do grego *ἐξήγησις* / *exegesis*), que tanto pode significar apresentação, descrição ou narração.⁵ Um outro significado que a palavra exegese pode assumir vem do verbo *εξήγεομαι*, “conduzir para fora” (*εξ* / *ex* – fora + *ήγεομαι* / *egéomai* – conduzir), no sentido de retirar do próprio texto o seu significado. Uma exegese é também “um estudo analítico completo de uma passagem bíblica, feito de tal forma que se chega à sua interpretação útil.”⁶ Esse estudo pode ser considerado acadêmico ou pastoral, e a diferença entre elas está justamente nessa utilidade ou finalidade:

A exegese acadêmica ou científica é caracterizada como aquela que estuda o texto sob todos os aspectos que possam ser objeto de conhecimento. Sua meta é saber do texto em si e por si mesmo, tratando-se aqui do texto bíblico. Utilizam-se, para atingir essa meta, todos os meios disponíveis ao saber humano, excluindo-se qualquer saber não racional, e é dirigida aos especialistas apenas. Já a exegese pastoral limita-se aos aspectos do texto cujo conhecimento se revela necessário para permitir a atualização da mensagem, implicando o saber da fé, e a sua finalidade é a salvação do povo de Deus.⁷

Portanto, o objetivo deste trabalho é a exegese do texto de João 21:14-19 de maneira acadêmica, utilizando o Método Histórico Crítico (MHC). Pretende-se examinar o texto de maneira aprofundada, consultando o texto original, comentários bíblicos e exegéticos,

³ EGGER, Wilhelm. **Metodologia do Novo Testamento**: Introdução aos métodos linguísticos e histórico-críticos. Edições Loyola, 1993.

⁴ Provérbio italiano que, literalmente, significa que o tradutor é traidor, mas que na realidade quer dizer que toda a tradução não corresponde exatamente ao sentido original da frase.

⁵ WEGNER, Uwe. **Exegese do Novo Testamento**. Editora Sinodal, 1998.

⁶ STUART, Douglas K. et al. **Manual de exegese bíblica: Antigo e Novo Testamento**. Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 2008.

⁷ SIMIAN-YOFRE, Horácio. **Metodologia do Antigo Testamento**. Edições Loyola, 2001.

dicionários bíblicos, livros e artigos relacionados. Ao final, espera-se contribuir com novas interpretações do texto ou corroborar com interpretações antigas, à luz da exegese.

1 TEXTO E CONTEXTO

Antes de entrarmos no texto de fato, é essencial conhecer a sua origem. De maneira geral, o quarto evangelho não leva o nome do seu autor, pois ele é anônimo assim como os outros evangelhos. O termo “Segundo João” foi um acréscimo posterior, aproximadamente dois ou três decênios depois de o livro ter sido publicado.⁸ No entanto, algumas fontes nos levam a concluir que João é o autor desse livro.

Como evidências externas, Teófilo de Antioquia (cerca de 181 d.C.) foi o primeiro escritor a atribuir a obra a João. Antes disso, escritores como Taciano (aluno de Justino Mártir), Apolinário e Atenágora fazem citações do quarto evangelho, considerando-o como fonte com autoridade.⁹ Na primeira parte do segundo século, o quarto evangelho foi reconhecido e citado por escritores gnósticos, da mesma forma que o foi por pessoas cujos ensinamentos foram considerados mais alinhados com a tradição apostólica. O Evangelho da Verdade (c 140 d.C.), uma obra gnóstica procedente ou de Valentino ou de um dos seus discípulos, traz diversos ecos, ou mesmo citações diretas do evangelho de João.¹⁰

Como evidências internas, o método clássico de Westcott, atualizado por Morris, é baseado em cinco itens para mostrar que o autor do quarto evangelho foi i) um judeu, ii) da Palestina, iii) uma testemunha ocular, iv) um apóstolo (um dos doze) e v) o apóstolo João.¹¹ Assim, a interpretação mais tradicional é a de que o autor provável é João filho de Zebedeu.¹² Essa conclusão implica em outros contextos como o propósito da redação, data e local de origem do livro.

Partindo então desse pressuposto, é possível inferir que João e a “comunidade joanina” estavam dialogando com uma cultura helenística entendida como uma combinação de algumas influências. No evangelho de João aparecem muitas alusões a Filo de Alexandria, como o emprego da palavra *logos*, a compreensão da natureza de Deus (Deus é espírito, Deus é luz, só Deus é verdadeiro e não é possível compreender a Deus) e as figuras simbólicas (fonte da vida, caminho, pastor e rebanho) que podem ser achadas em Filo. No entanto, existem diferenças entre as interpretações de conceitos do

⁸ CARSON, Donald Arthur et al. **Introdução ao Novo Testamento**. Vida Nova, 1997, p. 155.

⁹ CARSON et al., op. cit, p. 155.

¹⁰ BARRETT, C. K., **The Theological Vocabulary of the Fourth Gospel and the Gospel of Truth**, Essays on John (Londres, 1982), pp.50-64.

¹¹ MORRIS, Leon. **Studies in the fourth gospel**. Wipf and Stock Publishers, 2006. p.218.

¹² BRUCE, Frederick Fyvie. **João, introdução e comentário**. Editora Mundo Cristão, 1990, p. 11.

Antigo Testamento (AT) em João e em Filo: este explica de maneira filosófica-alegórica, enquanto aquele, de maneira tipológica.¹³

Outra grande influência do quarto evangelho são os escritos dos gnósticos e suas variantes, como os escritos herméticos e o mandeísmo. O gnosticismo brotou do dualismo neoplatônico que associava o que é bom ao espiritual, e o que é mau ao material. Daí a ideia de que Deus não poderia vir em carne, pois o corpo é “matéria ruim”.¹⁴ Neles também encontramos o mesmo dualismo luz-trevas, de cima - de baixo, morte-vida, Deus-mundo, e a história de um personagem de salvação, enviado celestial, que desce como revelação, atrai centelhas de luz e as leva de volta para Deus.¹⁵ Tudo isso tem muita proximidade com o evangelho de João.

Sobre a teoria do local de escrita do livro, F. F. Bruce (1993) cita Irineu¹⁶ para apoiar a ideia de que ele teria sido escrito em Éfeso, sendo essa a teoria mais aceita: “João, o discípulo do Senhor, que se reclinou sobre seu peito, publicou o evangelho enquanto residia em Éfeso, na Ásia.”. A respeito da data de escrita, os estudiosos variam entre 80 a 96 d.C.,¹⁷ uma vez que “parece provável que o evangelho foi publicado na província da Ásia uns sessenta anos depois dos acontecimentos que narra.”¹⁸

Por último, mas não menos importante, tem-se a intensão do livro. Não é possível dizer com precisão, mas é possível conjecturar que por volta dos anos 80, os membros do grupo conhecido como “comunidade joanina” não tinham mais espaço nas sinagogas, local que para eles era sinal da presença de Deus. João 9:22 diz que os judeus já haviam combinado que se alguém confessasse que Jesus era o Cristo, seria expulso da sinagoga¹⁹. Assim, o quarto evangelho é escrito com o intuito de animar a comunidade a continuar servindo e testemunhando sobre Jesus:

E o texto que hoje chamamos de Evangelho segundo João foi pensado para animar aquela comunidade a radicalizar o seu entendimento de Jesus e seu testemunho de vida na ligação com ele. Um texto elaborado para que a comunidade não tenha medo de dar os passos que precisam ser dados, depois da exclusão da sinagoga e no enfrentamento dos riscos e ameaças que vêm dessa nova situação. Um incentivo para que os seus membros não olhem para trás. Que não pensem em desistir. Que não fiquem saudosos do passado, daquelas rotinas que as consequências da adesão a Jesus estavam obrigando a alterar. Recorde-se do objetivo da obra: ela foi escrita para que

¹³ HÖRSTER, Gerhard. **Introdução e síntese do Novo Testamento**. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 1996, p. 33.

¹⁴ CARSON, D. A., op. cit, p. 180.

¹⁵ HÖRSTER, Gerhard. op. cit, p. 34.

¹⁶ DE LIÃO, Irineu. **Contra as heresias**. Clube de Autores (managed), (3.1.2).

¹⁷ LOPES, Hernandes Dias. **João: As glórias do filho de Deus**. Editora Hagnos, 2019, p. 16.

¹⁸ BRUCE, Frederick Fyvie. op. cit, p.12.

¹⁹ Bíblia de Estudo Nova Almeida Atualizada. Sociedade Bíblica do Brasil, 2018.

eles acreditassem que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus (cf. 20:31). Ou seja, para que eles não cedessem às dúvidas e aos temores.²⁰

Assim, tendo em mente o contexto do livro de João, é possível adentrar de fato no próprio texto em questão.

1.1 TEXTO EM PORTUGUÊS ²¹

15 Depois de terem almoçado, Jesus diz a Simão Pedro: “Simão, Filho de João, amas-me mais do que estes?”. Pedro diz-lhe: “Sim, Senhor, tu sabes que te estimo”. Jesus diz-lhe: “Apascenta os meus cordeirinhos”.

16 Jesus diz-lhe pela segunda vez: “Simão, Filho de João, amas-me?”. Pedro diz-lhe: “Sim, Senhor, tu sabes que te estimo”. Jesus diz-lhe: “Arrebanha as minhas ovelhas”.

17 Jesus diz-lhe pela terceira vez: “Simão, Filho de João, tu estimas-me?”. Pedro entristeceu-se, porque Jesus lhe perguntava, pela terceira vez: “Estimas-me?”. E diz-lhe: “Senhor, conheces todas as coisas; tu sabes que te estimo”. Jesus diz-lhe: “Apascenta as minhas ovelhas.

18 Amém amém te digo: quando eras mais novo, vestias-te e andavas por onde querias. Quando envelheceres, estenderás as tuas mãos e outro te vestirá e te transportará aonde não queres ir”.

19 Jesus disse isso, indicando com que morte [Pedro] glorificaria a Deus. E dizendo isso, diz-lhe: “Segue-me”.

1.2 TEXTO EM GREGO ²²

15 Ὅτε οὖν ἠρίστησαν λέγει τῷ Σίμωνι Πέτρῳ ὁ Ἰησοῦς· Σίμων Ἰωάννου, ἀγαπᾷς με πλέον τούτων; λέγει αὐτῷ· ναὶ κύριε, σὺ οἶδας ὅτι φιλῶ σε. λέγει αὐτῷ· βόσκει τὰ ἀρνία μου.

16 λέγει αὐτῷ πάλιν δεύτερον· Σίμων Ἰωάννου, ἀγαπᾷς με; λέγει αὐτῷ· ναὶ κύριε, σὺ οἶδας ὅτι φιλῶ σε. λέγει αὐτῷ· ποιμαίνε τὰ πρόβατά μου.

17 λέγει αὐτῷ τὸ τρίτον· Σίμων Ἰωάννου, φιλεῖς με; ἐλυπήθη ὁ Πέτρος ὅτι εἶπεν αὐτῷ τὸ τρίτον· φιλεῖς με; καὶ λέγει αὐτῷ· κύριε, πάντα σὺ οἶδας, σὺ γινώσκεις ὅτι φιλῶ σε. λέγει αὐτῷ [ὁ Ἰησοῦς]· βόσκει τὰ πρόβατά μου.

18 Ἀμὴν ἀμὴν λέγω σοι, ὅτε ἦς νεώτερος, ἐζώννυες σεαυτὸν καὶ περιεπάτεις ὅπου ἤθελες· ὅταν δὲ γηράσῃς, ἐκτενεῖς τὰς χεῖράς σου, καὶ ἄλλος σε ζώσει καὶ οἶσει ὅπου οὐ θέλεις.

²⁰ VASCONCELOS, Pedro Lima. **Lendo o Evangelho segundo João, para que todos tenham vida**. Editora Paulus, 2018. p. 20.

²¹ LOURENÇO, Frederico (trad). **Bíblia - Volume I: Novo testamento - Os quatro evangelhos**. Editora Companhia das Letras, 2017.

²² ALAND, Barbara et al. **Novum Testamentum Graece**. Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.

19 τοῦτο δὲ εἶπεν σημαίνων ποιῶ θανάτῳ δοξάσει τὸν θεόν. καὶ τοῦτο εἰπὼν λέγει αὐτῷ· ἀκολούθει μοι.

1.3 DELIMITAÇÃO

A necessidade da delimitação do texto vem do fato de que os livros neotestamentários foram redigidos em escrita contínua e sem espaços, sem subdivisões de versículos, perícopes e capítulos. Assim, alguns critérios podem ser aplicados para realizar a delimitação. Os mais importantes são: a) que a perícope faça sentido, possuindo uma estrutura lógica, coesa e orgânica, com início e fim perfeitamente identificáveis e b) que os aspectos gramaticais do texto também dão dicas. Assim, conjunções podem sinalizar a conclusão ou continuidade de um assunto.²³

Para o texto analisado, é importante frisar que a maioria das versões atuais dividem a perícope de maneiras bem divergentes. Somente a Nova Almeida Atualizada (NAA) e a Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTLH) realizam a divisão da perícope da mesma maneira que este trabalho (21:15-19). A Almeida Revista e Atualizada (ARA) e a Bíblia do Século 21 consideram o capítulo 21:15-23 como a perícope completa. A Nova Versão Internacional (NVI) considera do versículo 15 até o final do capítulo. Já a Bíblia de Jerusalém (BJ) e a Nova Versão Transformadora consideram o capítulo 21 todo como um epílogo sem divisões.

As dificuldades de divisão deste capítulo estão entranhadas com as dificuldades de compreensão do capítulo em si. Muitos estudiosos vão afirmar que o capítulo 21 foi uma inserção posterior da obra original, pelo fato de o texto grego conter 28 palavras que não aparecem em nenhum outro lugar do evangelho. Por exemplo, somente aqui o lago é chamado de mar de Tiberíades.^{24,25} O capítulo 20 também termina com uma sentença que dá a entender que ali é o final do livro (“Estes, porém, foram escritos para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome”). No entanto, existe o capítulo 21 que para uns, é fora de contexto, mas para outros, faz sentido

O mesmo F. F. Bruce também argumenta que não existe nenhuma evidência de que a obra alguma vez tenha circulado sem este capítulo.²⁶ De maneira geral, o capítulo tem afinidade com o livro, e passa a mensagem de que a vida e o ministério de Jesus estão

²³ WEGNER, Uwe. op. cit, p. 112.

²⁴ BRUCE, F.F. op. cit, p. 22.

²⁵ VASCONCELLOS, Pedro Lima. op. cit, p. 80.

²⁶ BRUCE, F. F. op. cit, p. 23.

presentes e capacitando a vida e o ministério da igreja, cuja missão é participar da missão contínua de Deus para o mundo, agora pela vida dos discípulos.²⁷

De maneira mais específica, Bruce justifica sobre as palavras que não aparecem em nenhum lugar: muitas delas têm sua razão de existir na narrativa de 21:1-14, pelo seu contexto. Aliado a isso, é apontada a conexão entre o capítulo 20 e o 21. O capítulo 20 narra 2 aparições de Jesus após a sua ressurreição. O capítulo 21 narra uma terceira aparição, que envolve discípulos para os quais Jesus já havia se revelado no capítulo anterior, como Pedro e Tomé. Aqui também é apontado que assim como no capítulo 20, o discípulo amado tem mais uma vez, “vantagem” sobre Pedro (no capítulo 20, Pedro chega por último no túmulo, e no 21, o discípulo amado é aquele que repousa sobre o peito de Jesus).

Olhando agora para a perícopé escolhida, é possível fazer ligações entre o texto anterior e o posterior. O texto anterior termina com uma frase explícita que tende a fechar um pensamento (“E já era a terceira vez que Jesus se manifestava...” v.14). A perícopé seguinte também dá indícios estruturais e temáticos (οὕτως – assim, portanto), quando Jesus inicia um novo diálogo, dessa vez com Pedro, ao questioná-lo se ele o ama. A escolha do final no versículo 19 se dá através das mesmas justificativas: a atenção até o versículo 19 é em Pedro, seu amor por Jesus e sua possível morte. A partir do 20, a atenção é voltada para o discípulo amado, que havia apenas sido citado no versículo 15. O verso termina com uma ordem: siga-me. A partir de então, um novo assunto é inserido.

2 O PRÉ-TEXTO (*SITZ IM LEBEN*)

O *Sitz im Leben* ou *Sitz in der Literatur*, também conhecido como contexto vital, possui um pressuposto de que todo texto está ligado de alguma forma a circunstâncias culturais, sociais, econômicas, políticas e religiosas. Por conta disso, não existe texto neutro que não acuse suas “intenções”. A determinação da situação sociocultural de um gênero literário apoia-se em críticas assertivas da forma de diversos textos, com particular atenção a seu horizonte literário, e em conhecimento suficiente do universo do texto.²⁸

John Ashton em seu livro “*Understanding the fourth gospel*” (Compreendendo o quarto evangelho) comenta que, assim como Bultmann, o primeiro lugar no qual ele olha para tentar compreender a questão da origem do evangelho é nas páginas do próprio evangelho. Possivelmente, o primeiro estudioso a reconhecer plenamente a importância

²⁷ ARNOLD, Clinton E. *Zondervan exegetical commentary on the New Testament*: John. Edward W. Klink. 2008.

²⁸ SIMIAN-YOFRE, Horácio et al. op. cit, p. 108.

de se obter algumas informações sobre as circunstâncias da comunidade joanina foi J. Louis Martyn. Em seu pequeno livro “História e Teologia no Quarto Evangelho” de 1968, ele constata²⁹:

Nossa primeira tarefa [...] é dizer algo o mais específico possível sobre as circunstâncias reais em que João escreveu seu Evangelho. Como devemos imaginar a vida diária na igreja de João? Os elementos de suas peculiares experiências diárias deixaram sua marca no Evangelho escrito por um de seus membros? Pode-se sentir, mesmo em suas cadências exaltadas, a voz de um teólogo cristão que escreve em resposta a eventos e questões contemporâneas que dizem respeito, ou pelo menos deveriam preocupar, a todos os membros da comunidade cristã em que vive?

Assim, podemos destacar alguns pontos de contexto vital para o evangelho de João.

2.1 ASPECTO CULTURAL

Segundo Mateos e Barreto, é de primeira importância determinar o ambiente cultural em que se movia o evangelista. E, dentro desse contexto, é de suma importância decidir se na obra predomina o ambiente helenista ou a tradição hebraica. A linguagem do evangelho nos responde que além das citações explícitas do Antigo Testamento, está cheia de alusões a ele e a tradições judaicas, movendo-se assim no mundo de ideias da cultura judaica.³⁰

Um grande exemplo disso é o termo *logos*, que integrava o patrimônio comum da cultura helenista, mas que recebe carga semântica proveniente da teologia do Antigo Testamento e da época intertestamentária. Um outro exemplo de influência semítica pode ser encontrado na seção 4.2.5. João, Jonas (*Ioannes, Ioná*) deste trabalho.

Na economia, as culturas do mundo clássico baseavam-se em tradição mais antiga que o dinheiro. Gregos, romanos e hebreus, todos tinham a lembrança de uma época em que riqueza e status se mediam em termos de terras e rebanhos, e poder em termos de lealdades familiares. Mas, na época do Novo Testamento, dinheiro e riqueza móvel tinham-se tornado muito mais importantes. Pode-se então perceber uma estratificação social, e a relação senhor-servo, por exemplo, se torna presente no evangelho de João (Jo 15:15). A pesca como subsistência também é um tema que norteia o texto anterior à perícopes em questão, por exemplo. O custo dos equipamentos básicos era alto, além da manutenção. Ir pescar e voltar com nada, era de fato um sinal de que não haveria o que comer, e uma conseqüente pobreza.³¹

²⁹ ASHTON, John. **Understanding the fourth Gospel**. Oxford University Press, 2007. p. 5-6.

³⁰ MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. **O Evangelho de São João**: grande comentário bíblico. São Paulo: Paulinas, 1989.p. 14.

³¹ STAMBAUGH, John E.; BALCH, David L. **O Novo Testamento em seu ambiente social**. São Paulo: Paulus, 1996.p.50-55.

2.2 ASPECTO RELIGIOSO

A concepção do texto joanino é antecedida por períodos que, para Martyn, podem ser divididos em três. O período inicial envolve "a concepção de um grupo messiânico dentro da comunidade da sinagoga". No período intermediário, "parte do grupo nasce como uma comunidade separada, experimentando dois traumas principais: excomunhão da sinagoga e martírio". O período tardio é caracterizado para Martyn por um "movimento em direção a configurações sociais e teológicas firmes". Para ele, somente depois dessas três fases o livro é escrito.³²

De toda forma, a escrita do autor é abundante em palavras providas de carga semântica e os trechos conversam entre si. Em João 10, Jesus usa a ideia da ovelha-pastor. A ovelha, bem como o átrio, também aparece na cena do templo (2:13). Na perícopede João 21:15-19, portanto, esses temas retornam, mas agora para mostrar que o povo precisa ser liberto da instituição que o oprime. A comunidade que foi excomungada por não querer se misturar com hábitos judaizantes e não tem onde adorar, precisa de direção. É aqui então que Jesus convoca Pedro para dar continuidade, um texto que tem ecos no livro seguinte, Atos dos Apóstolos.³³

Como dito anteriormente, a cultura do texto é totalmente ligada às tradições judaicas. A ideia do Messias é muito pregada no Antigo Testamento, e o livro de João é um reflexo da comunidade que busca provar que Cristo era o Messias esperado. A morte dele, portanto, seria o fim para os que depositaram a fé nele, Mas, não é à toa que quando Jesus reaparece nos dois últimos capítulos, isso renova as forças dos discípulos, que aparentemente haviam voltado aos seus serviços anteriores. O messianismo é, portanto, muito presente neste livro.³⁴

Uma vez entendido alguns contextos vitais da comunidade joanina, é possível então realizar uma análise literária com maior propriedade, já que é sabido um plano de fundo.

3 ANÁLISE LITERÁRIA

3.1 ESTRUTURA DO TEXTO

A perícopede João 21:15-19 pode ser estruturada da seguinte maneira:

³² Martyn, J. L. *The Gospel of John in Christian History*. New York, 1979. p. 93-107.

³³ MATEOS e BARRETO, op. cit, p. 15-16.

³⁴ ASHTON, John. *Understanding the fourth Gospel*. Oxford University Press, 2007, p.145

15a - Primeira pergunta: *ἀγαπᾷς με πλέον τούτων*

15b - Primeira resposta: *φιλῶ*

15c - Primeira ordenança: *Βόσκει τὰ ἀρνία*

16a - Segunda pergunta: *ἀγαπᾷς με*

16b - Segunda resposta: *φιλῶ*

16c - Segunda ordenança: *Ποίμαινε τὰ πρόβατά*

17a - Terceira pergunta: *φιλεῖς με*

17aa – Pedro se entristece: *Ἐλνπήθη*

17b – Terceira resposta: *φιλῶ*

17c – Terceira ordenança: *Βόσκει τὰ πρόβατά*

18 – Uma profecia: aperfeiçoamento do amor

19a – Explicação da profecia

19c– Quarta ordenança: *Ἀκολούθει μοι*

Podemos analisar o texto dividindo-o em duas partes. O primeiro momento seria dedicado às três perguntas de Jesus direcionadas para Pedro. A tradição mais comum e mais aceita sobre essa cena é a de que Jesus faz a pergunta três vezes para contrabalancear as três negações de Pedro antes da crucificação de Cristo.³⁵ Por mais que Pedro tivesse dito “Por ti darei a própria vida” em João 13:37, sua carne se mostrou fraca e ele vacilou. Assim como sua fé foi fraca quando Jesus o convidou a caminhar sobre as águas (Mateus 14:22-33), ele também vacilou e temeu a perseguição. Assim, estas três perguntas são três novas oportunidades de Pedro reafirmar seu amor por Cristo.

No entanto, o conteúdo das três perguntas difere uma das outras de forma peculiar. A primeira pergunta direcionada a Pedro é melhor traduzida como: “amas-me mais do que estes”? O que chama atenção aqui é o “mais do que estes”. A quem Jesus estaria se referindo? Barclay comenta que esta primeira pergunta tem relação com a perícopie anterior, a da pesca maravilhosa³⁶:

(a) Pode ser que Jesus estendeu o braço abrangendo o **barco, suas redes, sua equipe e a pesca** e disse a Pedro: "Simão, ama-me mais que estas coisas? Está disposto a renunciar a elas, a abandonar todas as esperanças de fazer uma carreira bem-sucedida, a abandonar um trabalho estável e uma comodidade razoável a fim de entregar você para sempre aos meus filhos e à minha obra?" Pode ter sido um desafio a Pedro para que tomasse a decisão final de entregar toda a sua vida à pregação do evangelho e ao cuidado do rebanho de Cristo.

³⁵ LOURENÇO, Frederico. op. cit, p. 441

³⁶ BARCLAY, William. **Comentário do Novo Testamento**.

(b) Pode ser que Jesus visse o resto do grupo e tenha perguntado a Pedro: "Simão, você me ama mais que **seus companheiros**?" Pode ser que Jesus voltou seu olhar de noite quando Pedro disse: "Ainda que todos se escandalizem em ti, eu nunca me escandalizarei" (Mateus 26:33). *Não importa o que outros façam, eu te amo o suficiente para ser fiel para sempre.* Pode ser que Jesus lembrasse a Pedro, com todo amor, de que maneira uma vez pensou que só ele podia ser leal e sua coragem lhe tinha aprontado uma.

O comentário Beacon³⁷ nos dá uma terceira opção para quem seria o "estes": Pedro, tu me amas mais do que você ama estes discípulos? O importante aqui é perceber, na estrutura da primeira pergunta, que Jesus quer saber se Pedro tem algo que ele ama mais do que a Ele, seja sua antiga profissão ou os seus companheiros de missão, e se Pedro realmente ama a Jesus mais do que os outros, como ele diversas vezes fez menção.

A segunda e a terceira pergunta são perguntas simples: Pedro tu me amas? Existe aqui uma distinção dos verbos que será analisada na parte dos vocábulos. Porém, podemos adiantar os comentários de Bruce: "esta alternância de sinônimos é um dos traços característicos do grego do autor; ela dificilmente reflete uma variação comparável de vocabulário na linguagem que Jesus e Pedro provavelmente usaram."³⁸

Todas as respostas de Pedro utilizam o mesmo verbo no grego. Não há dúvidas de que Pedro reafirma seu amor e não muda sua resposta. Mesmo tendo se entristecido pela terceira pergunta seguida de Jesus, Pedro sustentou sua resposta. João alterna palavras para amor (*agapaō* e *phileō*), ovelha (*arnia* e *probata*) e cuidado (*boskō* e *poimainō*) para que nenhuma combinação seja repetida.³⁹ . O que segue a cada pergunta, todavia, é uma ordenança, numa combinação de palavras para ovelha e cuidado, mas nenhuma ordenança é a mesma.

A primeira ordenança é "alimente meus cordeiros", a segunda pode ser traduzida como "cuide das minhas ovelhas" e a terceira, "alimente minhas ovelhas". Essencialmente, as ordenanças são as mesmas, mas esse jogo com os sinônimos dá uma dinâmica diferente ao texto. O mesmo acontece com as palavras *agapaō* e *phileō*: as mudanças de palavras é uma característica da escrita de João, como aponta Bruce: "o próprio João usa estes dois verbos alternadamente em outras passagens do seu evangelho, por exemplo na afirmação de que "o Pai ama ao Filho" (*agapaō* em 3.35, *phileō* em 5.20) e nas referências ao "discípulo que Jesus amava" (*agapaō* em 13.23, 19.26, 21.7,20, *phileō* em 20.2).⁴⁰

³⁷ EARLE, Ralph; MAYFIELD, Joseph H. **Comentário Bíblico Beacon**: João e Atos. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2006.

³⁸ BRUCE, F.F. op. cit, p. 346

³⁹ BRANT, Jo-Ann A. **John, Paideia: Commentaries on the New Testament**. Grand Rapids: Baker Academic, 2011.

⁴⁰ BRUCE, F.F. op. cit, p. 347.

A segunda parte do texto é uma promessa. Pohl et al⁴¹ comentam que esta promessa é a oportunidade de aperfeiçoamento do amor de Pedro por Jesus. Assim como Jesus amou o Pai e morreu na cruz, Pedro também teria essa oportunidade. É na morte que ele glorificaria a Deus. No versículo 18, Jesus explica o que vai acontecer a Pedro, e no 19, o narrador explica ao leitor o porquê de isso acontecer. Por fim, a última ordenança: sigame. É interessante perceber que Jesus conclui seu ministério terreno com o mesmo comando dado a Pedro quando ele começou. Além disso, semelhante ao comando “alimente/pastorear meus (minhas) ovelhas/cordeiros” nos vv. 15–17, este comando se torna uma segunda comissão. Assim como o ministério de Pedro deve ser semelhante ao ministério de Cristo, a vida de Pedro também deve se parecer com a vida de Cristo: uma vida que terminou com uma morte sacrificial.⁴²

3.2 VOCABULÁRIO: ANÁLISE SEMÂNTICA E TEOLÓGICA

Utilizando o texto grego e diferentes versões da Bíblia^{43,44,45,46 e 47}, os principais vocábulos que divergem na perícopre foram analisados, para uma melhor interpretação do texto.

3.2.1 AMOR (*agapao e phileo*)

A raiz *phil-* é de etimologia incerta, mas traz o sentido de “associado”. Conseqüentemente, *philéō* significa “tratar uma pessoa como alguém de seu próprio povo”. É utilizado para o amor dos cônjuges, de pais e filhos, de patrões e empregados, de amigos, de deuses e daqueles favorecidos por eles. Com referência a deuses e amigos ela geralmente tem o sentido concreto de “ajudar”, “cuidar”, “acolher”. Frequentemente, se aproxima de *agapáō* em significado e uso, mas é mais comum que *agapáō* no grego secular (não na LXX ou no NT) e tem mais o sentido de “amar” em distinção a “gostar”,

⁴¹ DE BOOR, Werner. **Comentário Esperança: João**. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2002.

⁴² ARNOLD, Clinton E. op. cit, p.

⁴³ BÍBLIA. Português. Bíblia de estudo arqueológica NVI. Trad. Claiton André Kunz *et. al.* São Paulo: Editora Vida, 2013. Edição nova versão internacional.

⁴⁴ BÍBLIA. Português. Bíblia de estudo NAA - 3. ed. - Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018. Edição revista e atualizada.

⁴⁵ BÍBLIA. Português. Nova Bíblia viva [livro eletrônico]. Leitura geral Valdemar Kroker – São Paulo, SP: Mundo Cristão, 2012. Edição nova Bíblia viva.

⁴⁶ BÍBLIA. Português. Bíblia King James Fiel 1611 - 1. ed. – Niterói, RJ: BV Books Editora, 2015. Edição revisada.

⁴⁷ BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada João Ferreira de Almeida- 3. ed. – Santo André, SP: Geográfica Editora, 2014. Edição revista e corrigida.

embora os verbos sejam frequentemente permutáveis e no NT *agapáō* seja o termo mais caloroso e profundo. Com um objeto neutro o sentido de *philéō* é “gostar”, “prezar”.⁴⁸

Para Mateos e Barreto, *agapao* é utilizado no livro de João com frequência, com valor manifestativo e significa o amor enquanto é entrega de si. Já o *phileo*, amigo, visa denotar vínculo de amizade que estabelece relação de iguais (oposto a “servo”).⁴⁹

3.2.2 PASTOREAR, APASCENTAR, ALIMENTAR (*Bosko e Poimaino*)

O Novo Testamento nunca chama Deus de pastor, e a comparação só é encontrada na parábola da ovelha perdida.⁵⁰ Ao pastorear, o pastor tem o objetivo de tirar as ovelhas/povo da instituição que as oprime. O pastor chama todas as ovelhas, convidando-as a sair: as que escutam sua voz são “as suas” e o seguem para fora. Nesta missão de pastorear, ele dá sua vida e a dá voluntariamente.⁵¹ Portanto, quando Jesus diz para Pedro pastorear, ele está ordenando que ele dê sua vida pelas ovelhas.

3.2.3 OVELHA, CORDEIRO (*Arnion e Probatia*)

Próbaton (também o diminutivo *probátion*) é raro no grego mais antigo. A palavra denota um animal (doméstico) de quatro patas, uma pessoa simples ou um peixe. No entanto, ela é traduzida com muita frequência como ovelha. Já *arnion*, é traduzida como cordeiro. Figuradamente, cristãos foram ovelhas/cordeiros perdidos(os) no passado (Ipe 2.2 lss.). As ovelhas são o povo de Deus no julgamento (Mt 25.32ss.). Os judeus vagueiam como ovelhas perdidas que precisam ser conduzidas e alimentadas pelo pastor (Mc 6.34ss.). Por um lado, então, o NT usa a imagem da ovelha para o antigo povo de Deus, enquanto, por outro, ele a usa para designar o novo povo de Deus que precisa ser guiada pelos átrios até a salvação.⁵²

3.2.4 SABER (*Oida e ginosko*)

Oida, que significa “conhecer, saber” e é mais ou menos sinônimo de *ginōskō*, é frequentemente usado no NT de uma maneira geral para conhecer uma pessoa, ser capaz de entender, compreender e reconhecer.⁵³ Já *ginosko* tem seu uso ordinário para

⁴⁸ KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard. Dicionário Teológico do Novo Testamento. **Gerhard Kittel** e, v.1, 2013. p. 5.

⁴⁹ JUAN, Mateos. Vocabulário Teológico do Evangelho de São João. 1989.

⁵⁰ KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard .Op.cit., p.265.

⁵¹ JUAN, Mateos. op. cit, p.231.

⁵² KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard. v 2, op. cit, p. 232.

⁵³ Ibid., p.14

compreensão intelectual (“perceber”, “compreender”, “saber”), primeiramente com ênfase no ato. Esse ato compreende todos os órgãos e modos de conhecimento como ver, escutar, investigar ou também a experiência, tanto de pessoas como de coisas. Mais que tudo, entretanto, o conhecimento envolve a verificação por meio dos olhos; portanto, o conceito dominante é o de conhecimento pela observação objetiva. Isso está relacionado à visão grega da realidade.⁵⁴

3.2.5. JOÃO, JONAS (*Ioannes, Ioná*)

Em Mateus 16:17 Simão Pedro é chamado de *Barioná* (*Ioná* = Jonas), enquanto em João 1:42 e 21:15, o nome do seu pai é *Ioannes* (João). A expressão semítica “filho de” tem significado muito diverso, entre os quais o de “adepto”, “discípulo”, “partidário”. Neste caso, a prévia menção de João e o significado semítico da expressão “filho de” sugerem que Jesus caracteriza Simão como adepto/discípulo de João Batista. A presença do artigo em João 1:42 (*sy ei Simon ho huios Ioannou* – você é Pedro, O filho de João) confirma esta interpretação: uma vez que a fórmula com artigo designaria filho único (cf. 1:34: *ho hyios tou Theou* – o filho de Deus), é impossível que Pedro seja filho de João, uma vez que ele é irmão carnal de André (1:41 - *ton adelphon ton idion Simona* – o irmão de Simão).⁵⁵

3.2.6 TRISTEZA (*lype, lypéo*)

lypê significa “dor”, “tristeza”, *lypeín* é “causar dor”, e *lypeísthai* “experimentar tristeza”. Tanto a dor física quanto a angústia mental são abrangidas pelas palavras. Fisicamente, a dor é em especial aquela causada pela fome, sede, calor, frio ou doença, enquanto mentalmente ela é, em especial, a angústia do infortúnio, da morte, do aborrecimento, do insulto ou do ultraje. A dor se alterna com o prazer (*hêdonê*) na visão grega das coisas. Há um desejo natural de se viver sem ela, no entanto, a vida em mera *hêdonê* seria vegetativa. As coisas que trazem alegria também trazem dor (p. ex., filhos). Nós também trazemos tristeza sobre nós mesmos com nossas ações. A farra oferece breves *hêdonai* e muitas *lypai*.⁵⁶

3.3 O GÊNERO LITERÁRIO

⁵⁴ Ibid., p.130

⁵⁵ KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard. v.1, op. cit, p. 502.

⁵⁶ JUAN, Mateos. op. cit, p. 231

Entende-se pelo estudo do gênero literário, a identificação de um ambiente linguístico homogêneo, que se repete com frequência. A forma da expressão linguística, que é condicionada pela situação, pode ser então agrupada e analisada.⁵⁷ Assim, é necessária uma comparação entre os textos e a ajuda de literatura especializada. No caso do Novo Testamento, Wegner divide em gêneros maiores e menores. Os gêneros maiores são: os evangelhos, Atos dos Apóstolos, cartas e Apocalipse. Nossa perícopes encontra-se dentro dos evangelhos.⁵⁸ O capítulo 21, por sua vez, é considerado um epílogo, e a perícopes estudada, um diálogo.⁵⁹

O gênero literário dos evangelhos foi provavelmente criado por Marcos (“Princípio do evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus – Mc 1:1). Segundo Wegner, não existe uma obra que reúna as características essenciais dos evangelhos, mas podemos arriscar as principais: eles contam não apenas o que Jesus foi, mas também o que ele representa atualmente para as comunidades, para sua vida de fé, esperança e amor. Eles também apresentam a história de Jesus na forma de um testemunho existencialmente engajado, o que lhes confere um caráter singular.⁶⁰

A perícopes estudada, por sua vez, é um diálogo, contida no epílogo do livro. Os epílogos representam o contrário de prólogo, onde são contados todos os acontecimentos que se passam antes da narrativa principal. Já o epílogo significa conclusão., indica a parte final de um discurso, no qual é feito um resumo final das ideias expostas, ou onde é apresentado o desfecho da história. É a parte do texto em que se descreve o destino das personagens que constituem a trama. Interessante notar que no prólogo (Jo 1), o discípulo amado, Jesus e Pedro estão presentes, bem como no prólogo.

Para Berger, os dois gêneros mais importantes são o diálogo de instrução e o diálogo revelador. O diálogo de instrução serve para informar o leitor. No centro está um personagem superior em ciência e sabedoria. Os parceiros da conversa às vezes têm apenas a função de tocar a informação para a frente. Com exceção do contexto missionário (livro de Atos), todos os demais diálogos de instrução limitam-se rigorosamente aos próprios discípulos de Jesus: às vezes somente os discípulos prediletos Pedro, Tiago e João (e André) fazem a pergunta. Em outros diálogos deste tipo, os discípulos estão claramente separados da multidão: estão dentro de uma casa, ou fazem perguntas para sanar suas próprias dúvidas, ou estão reunidos em torno do Jesus

⁵⁷ EGGER, op. cit, p.142.

⁵⁸ WEGNER, op. cit, p.,222.

⁵⁹ ARNOLD, op. cit, p. 1256.

⁶⁰ WEGNER, op. cit, p. 222.

ressuscitado como o grupo exclusivo dos discípulos. ⁶¹ João 21:15-19 se encaixa na classificação de diálogo de instrução, estando os discípulos reunidos com Jesus ressuscitado.

3.3.1 PERSONAGENS: FUNÇÃO E RELAÇÃO

Para esta perícopa, o diálogo envolva duas pessoas somente, Jesus e Pedro. Este diálogo é único por ser um diálogo carregado de símbolos com poucas palavras, adequado à natureza simbólica de um epílogo. Nos vv. 15–19, Jesus inicia um diálogo carregado de símbolos e vigoroso com Pedro que traz resolução para sua negação de Jesus no capítulo 18. Aqui, Jesus tem a função de personagem superior em ciência e sabedoria. Pedro, por sua vez, do pecador que recebe mais uma chance. Mas além disso, Jesus quer aqui fazer de Pedro um exemplo, chamando-o para concluir a missão que foi iniciada com o ministério de Jesus: a de propagar o Reino de Deus aqui na terra.

Pedro é a imagem de toda a humanidade: falhos, temperamentais, pecadores, negadores de Cristo e do seu sacrifício na cruz. Mas, ao mesmo tempo, ele também tem a função de mostrar que podemos ser amigos de Cristo, não mais servos. Jesus não é o patrão, o carrasco, mas sim aquele que quer que nós o amemos como um igual, do mesmo povo.

3.3.2. FIGURAS DE LINGUAGEM

A narrativa é bem clara e direta. A única figura de linguagem aplicada nesse texto é o eufemismo utilizado por Jesus para falar o tipo da morte que Pedro iria passar. O eufemismo suaviza a mensagem desagradável. “Estender os braços” refere-se provavelmente ao costume de que os que iam ser crucificados levassem aos ombros o travessão da cruz; o cinturão seria a corda atada a cintura, com que eram conduzidos. ⁶²

4 HERMENÊUTICA

4.1 IDEIA CENTRAL DO TEXTO

⁶¹ BERGER, Klaus. **Formas literárias do Novo Testamento (As)**. Edições Loyola, 1998., p. 225-226

⁶² MATEOS, op. cit, p. 880.

Ao longo deste trabalho, muitas ideias foram colocadas em foco, e elas contribuem para melhor entender a ideia central do texto. No entanto, João 21:15-19 tem uma mensagem principal: Pedro reafirma seu amor pelo Senhor, é reabilitado e convocado. Desde a primeira pergunta (“Tu me amas mais que estes?”) até a profecia sobre a morte de Pedro, o que Jesus está querendo fazer é preparar Pedro para o que vem em seguida. Pedro precisa deixar sua antiga profissão, a de pescador de peixes, para começar a pescar almas. Se o “estes” se refere aos discípulos, podemos dizer que Pedro deve entender que esse caminho é solitário. De qualquer modo, é um convite para que Pedro deixe seu antigo estilo de vida e siga o caminho para a morte como um mártir, mas não sem antes pastorear ovelhas, alimentar cordeiros.⁶³

Indo mais além, Pedro certamente encarou essa segunda oportunidade com muita seriedade, pois em I Pedro 5:2, ao exortar os presbíteros, ele diz: “Apascentai (*poimaino*) o rebanho de Deus, que está entre vós, tendo cuidado dele, não por força, mas voluntariamente, nem por torpe ganância, mas de ânimo pronto”.

4.2 APLICAÇÃO TEOLÓGICA

O livro de João é o único evangelho canônico a apresentar Jesus como a figura do bom pastor. O bom pastor está aqui ordenando que Pedro cuide das ovelhas Dele. A primeira aplicação, portanto, que podemos tirar deste texto é que só temos um pastor, o supremo pastor. Somente através Dele temos acesso ao aprisco. Mas ele delega sua responsabilidade a pastores subalternos, dos quais Pedro é o primeiro a ser chamado.

Uma segunda aplicação é o fato de que Deus restaura alianças e nos comissiona. Pedro negou a Cristo, mesmo tendo sido avisado de que isso aconteceria. Talvez por temer sua vida, talvez por vergonha (seu Salvador estava sendo condenado à morte), ele fingiu não conhecer seu Mestre. Agora, depois de ressuscitar, Jesus aparece a ele e dá a oportunidade de restauração. Jesus viu nas respostas de Pedro (*Tu sabes que eu te amo*) e na sua tristeza, a sinceridade do coração dele. Ali, Jesus o comissiona, e sua missão nunca mais para, até seu martírio.

A última aplicação teológica é o fato de que nosso Senhor conhece nosso coração. “Senhor, tu sabes de tudo”. Nosso Senhor sabe de todas as coisas, ele é onisciente, está em sua natureza. Ele conhece nosso coração, nossas intenções e nossos desejos. Pedro sempre foi conhecido como temperamental, aquele que corta a orelha de Malco, e promete morrer por Cristo (Lucas 22:44). Mas o Senhor conhecia o coração de Pedro, e sabia que

⁶³ BRANT, op. cit, p.283.

aquele templo estava em obras, e que ainda não era perfeição. Pedro é tentado e cai. Jesus sabia. Assim como as ovelhas conhecem o pastor, o pastor também conhece suas ovelhas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tarefa da exegese não é simples e demanda tempo. As investigações do texto e contexto, o contexto vital, a análise literária até a hermenêutica, é um processo árduo e envolve o estudo de línguas originais e muito estudo, como aqui foi feito. De maneira específica para esta perícopes, este estudo foi essencial para compreender algumas chaves de interpretação, tanto do próprio evangelho de João como para a perícopes. A maioria das conclusões estão diluídas ao longo deste trabalho, mas algumas merecem destaque.

Não existe um consenso quanto ao uso das palavras *ágape* e *phileo*. João possui um estilo de utilizar sinônimos dentro da mesma frase. O foco aqui, todavia, é no fato de que Pedro reafirmou seu amor por Cristo, reconhecendo sua pequenez diante da tamanha glória do Messias, agora ressuscitado. Certamente esse texto também é a ante negação de Pedro. O Deus que chama, pede para que Pedro deixe tudo, desde a antiga profissão até amigos e familiares, e o siga. E assim Pedro o seguiu, se tornou um mártir, mas morreu fazendo aquilo para o que foi chamado.

REFERÊNCIAS

- ALAND, Barbara et al. **Novum Testamentum Graece**. Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.
- ARNOLD, Clinton E. **Zondervan exegetical commentary on the New Testament: John**. Edward W. Klink. 2008.
- ASHTON, John. **Understanding the fourth Gospel**. Oxford University Press, 2007.
- BARCLAY, William. **Comentário do Novo Testamento**.
- BARRETT, C. K., **The Theological Vocabulary of the Fourth Gospel and the Gospel of Truth**, Essays on John, Londres, 1982.
- BERGER, Klaus. **Formas literárias do Novo Testamento (As)**. Edições Loyola, 1998.
- BÍBLIA. Português. Bíblia de estudo arqueológica NVI. Trad. Claiton André Kunz *et. al.* São Paulo: Editora Vida, 2013. Edição nova versão internacional.
- BÍBLIA. Português. Bíblia de estudo NAA - 3. ed. - Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018. Edição revista e atualizada.
- BÍBLIA. Português. Bíblia King James Fiel 1611 - 1. ed. – Niterói, RJ: BV Books Editora, 2015. Edição revisada.
- BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada João Ferreira de Almeida- 3. ed. – Santo André, SP: Geográfica Editora, 2014. Edição revista e corrigida.
- BÍBLIA. Português. Nova Bíblia viva [livro eletrônico]. Leitura geral Valdemar Kroker – São Paulo, SP: Mundo Cristão, 2012. Edição nova Bíblia viva.
- BRANT, Jo-Ann A. **John, Paideia: Commentaries on the New Testament**. Grand Rapids: Baker Academic, 2011.

BRUCE, Frederick Fyvie. **João, introdução e comentário**. Editora Mundo Cristao, 1990.

CARSON, Donald Arthur et al. **Introdução ao Novo Testamento**. Vida Nova, 1997.

DE BOOR, Werner. **Comentário Esperança: João**. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2002.

DE LIÃO, Irineu. **Contra as heresias**. Clube de Autores (managed), (3.1.2).

EARLE, Ralph; MAYFIELD, Joseph H. **Comentário Bíblico Beacon: João e Atos**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2006.

EGGER, Wilhelm. **Metodologia do Novo Testamento: Introdução aos métodos linguísticos e histórico-críticos**. Edições Loyola, 1993.

HÖRSTER, Gerhard. **Introdução e síntese do Novo Testamento**. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 1996.

JUAN, Mateos. **Vocabulário Teológico do Evangelho de São João**. 1989.

KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard. **Dicionário Teológico do Novo Testamento**. v. 1, 2013.

KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard. **Dicionário Teológico do Novo Testamento**. v. 2, 2013.

LOPES, Hernandes Dias. **João: As glórias do filho de Deus**. Editora Hagnos, 2019.

LOURENÇO, Frederico (trad). **Bíblia - Volume I: Novo testamento - Os quatro evangelhos**. Editora Companhia das Letras, 2017.

MARTYN, J. L. **The Gospel of John in Christian History**. New York, 1979.

MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. **O Evangelho de São João: grande comentário bíblico**. São Paulo: Paulinas, 1989.

MORRIS, Leon. **Studies in the fourth gospel**. Wipf and Stock Publishers, 2006.

SIMIAN-YOFRE, Horácio. **Metodologia do Antigo Testamento**. Edições Loyola, 2001

STAMBAUGH, John E.; BALCH, David L. **O Novo Testamento em seu ambiente social**. São Paulo: Paulus, 1996.

STUART, Douglas K. et al. **Manual de exegese bíblica: Antigo e Novo Testamento**. Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 2008.

VASCONCELOS, Pedro Lima. **Lendo o Evangelho segundo João, para que todos tenham vida**. Editora Paulus, 2018.

WEGNER, Uwe. **Exegese do Novo Testamento**. Editora Sinodal, 1998.